

VIDA NOVA NA ENCOSTA DO PÃO DE AÇÚCAR

Ao longo de 16 anos, grupo, que inclui turistas estrangeiros, recupera mata atlântica e ação reduz incêndios na montanha

O Globo 1 Mar 2018



DIVULGAÇÃO/PROJETO PÃO DE AÇÚCAR VERDE

Incêndios. Sávio Teixeira (no centro com chapéu) e voluntários trabalham para recuperar área destruída pelo fogo

É um trabalho discreto, de formiguinha. Na face leste do Pão de Açúcar, a menos visível para os cariocas, uma pequena floresta foi plantada nos últimos 16 anos graças ao esforço de Sávio Teixeira e outros abnegados capitaneados por ele. A motivação foi simples. Mato-grossense-do-sul de nascimento, mas carioca por adoção e, sobretudo, apaixonado pelo Rio, Sávio achou que devia fazer algo para interromper os constantes incêndios daquele trecho precioso do cartão-postal da cidade.

— Toda aquela área era tomada por capim dourado, que queima muito rápido. Ver aquela devastação me incomodava. O lugar é lindo. Sou montanhista, gosto de fazer trilhas. A primeira vez que fui ao Pão de Açúcar fiquei deslumbrado.

Tamanho deslumbramento provocou em Sávio a vontade de retribuir com trabalho. Foi uma forma de agradecer à natureza tanta beleza. Reclamar não faz seu estilo. Preferiu pegar na enxada, capinar debaixo de sol e aos poucos ir mudando a face daqueles 2,5 hectares de terra.

— Achei que tinha que fazer alguma coisa. A cidade é nossa. É de todo mundo que vive aqui. Não dá para ficar parado vendo nosso patrimônio ser destruído.

Funcionário concursado do Banco do Brasil, ele criou em 2002 o Projeto Pão de Açúcar Verde. A cada mês reúne pelo menos 30 voluntários, entre os 1.500 que cadastrou, e sobe o morro para limpar a terra e plantar na área que só é visível do mar ou das praias oceânicas de Niterói. Já foram plantadas 6 mil mudas de espécies da Mata Atlântica. As dezenas de pés de ipê amarelo, pau-brasil e palmeira de baba de boi, entre outras, formam, como Sávio define,

uma “florestazinha”. Oficialmente, diante da prefeitura, Sávio é o “adotante” da área. A prefeitura fornece as mudas e Sávio e sua turma de voluntários fazem o resto. De vez em quando, tem que usar seu próprio dinheiro para bancar os custos extras. Aos 55 anos, ele já começa a sentir o peso do trabalho. Mas ainda resiste a abandonar a enxada.

O grupo costuma incluir turistas, sobretudo americanos, europeus e australianos.

— Eles têm a cultura de voluntariado e quando chegam ao Brasil não querem só fazer turismo. Querem contribuir com a causa ambiental — diz Sávio.

Desde que começou a subir o morro com os voluntários só houve um incêndio no trecho. Acabar com as queimadas já seria um grande ganho. Mas o projeto conseguiu muito mais.

— Não é só uma questão de arrancar capim e replantar mata atlântica. Mais árvores atraem mais pássaros, a terra fica mais adubada. É mais vida para um lugar lindo por natureza.